

O SAMBA CHULA DE COR E SALTEADO EM SÃO FRANCISCO DO CONDE/BA: CULTURA POPULÁ E EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLÁ PARA ALÉM DA(O) CAPITAL

Petry Rocha Lordelo¹; Pedro Rodolplo Jungers Abib²

Este trabalho é fruto da convivência com os sambadores e sambadeiras do Recôncavo da Bahia, especialmente aqueles situados no município de São Francisco do Conde. Partindo do levantamento de problemáticas significativas, decorrentes das crises estruturais do sistema capitalista – que seguem exterminando a fonte de toda riqueza: o homem e a natureza – perguntamo-nos como o samba de roda – dentro deste, o samba chula – conseguiu sobreviver em meio às adversidades e desigualdades sociais, chegando ao atual estágio de seu reconhecimento enquanto Obra-Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO. Nesse contexto, buscamos discutir como se dão os processos de produção e transmissão de saberes no âmbito das instituições formais de ensino vinculadas à mercado-lógica do capital; bem como no âmbito dos espaços não-escolares organizados sob a “lógica diferenciada” das culturas populares. Destarte, optamos por fazer um estudo de caso com o grupo de Samba Chula Filhos da Pitangueira, onde, a partir dos contatos constantes, da observação participante, da memória, da oralidade e das rodas de samba, coletamos os dados que nos permitiram acessar sentidos e significados que julgamos capazes de contribuir com a formação humana numa perspectiva omnilateral, ou seja, para além do capital. Sustentamos a hipótese de que a cultura popular pode inspirar de forma significativa os processos de ensino-aprendizagem no universo das instituições escolares, fazendo com que esses espaços se tornem socialmente referenciados, assentados sobre um projeto histórico e uma teoria educacional/pedagógica que levem os currículos a assumirem e garantirem conhecimentos que levem ao desenvolvimento da humanidade em toda sua potencialidade. E o samba de roda, enquanto um importante “complexo temático” (onde podem ser discutidas questões referentes à História, à Geografia, à Literatura, à Cultura Corporal, ao Trabalho, ao Lazer, etc.), pode – inclusive com as possibilidades oferecidas pela implementação da Lei 11.645/08, “que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”” – ajudar e muito neste processo.

Palavras-chave: Cultura popular; educação não-escolar; samba de roda.

¹Mestre em Educação. Coordenador e docente do Curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Maria Milza – FAMAM. Pesquisa de mestrado concluída.

²Pós-doutor em Ciências Sociais. Professor Adjunto da UFBA. Líder do Grupo de Pesquisa em Mídia, Memória, Educação e Lazer da FACED/UFBA. (Orientador).